

Arraial de Quimeras



sobre coincidências ou como abrir os olhos

Arraial de Quimeras começou a ganhar forma, enquanto ideia e desejo pessoal, em 2024 - ano em que o Visões Úteis completava 30 anos de atividade. Por essa altura, apercebi-me que a minha colaboração com o coletivo tinha iniciado precisamente a meio desses 30 anos, em 2009, quando me fixei no Porto. Os primeiros 15 anos, anteriores à minha chegada, compunham-se no meu imaginário como uma espécie de nuvem, povoada de episódios, mitos e personagens, numa amálgama de histórias dos textos e dos espetáculos e dos acontecimentos em torno da vida do coletivo. Quase sempre contadas a propósito deste ou daquele objeto que por ali permanecia.

No âmbito do tratamento do arquivo do Visões Úteis, a desenvolver-se entre 2024 e 2026, já decorriam várias atividades em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto e com a colaboração do Arquivo Histórico Municipal do Porto. O Arraial de Quimeras veio integrá-las, debruçando-se sobre as materialidades persistentes do “armário teatral” do coletivo, e com fundamento nas teorias e práticas pós-dramáticas em torno do poder performativo e de agência do figurino. Assim, a ideia-desejo que se acendeu inicialmente pela evidência de calendário, ganhou o contexto programático ideal para vir a ser.

Acompanhada pela Ana Vitorino, iniciei uma viagem pelo arquivo de figurinos e de registos audiovisuais dos espetáculos. Dos “mergulhos” nas caixas, sacos, estantes e *charriots* onde foram permanecendo os vestígios têxteis, escolhidos ou esquecidos - as peças que em tempos compuseram figurinos, e algumas já transformadas ou mescladas entre produções -, escolhemos sete para trabalhar como quimeras. A escolha foi informada pela própria viagem dramatúrgica, feita daquelas revelações inesperadas que só ocorrem quando abrimos o “armário” e deixamos a luz entrar, quando desempoeiramos as coisas e abrimos espaço entre elas, dispondo-as à vista, lado a lado. De repente, surgem novas ligações, a memória reforça sentidos, a potência da (re)criação torna-se evidente.

Para o processo de criação das quimeras, foram fundamentais as sessões exploratórias realizadas com diversos grupos de comunidades próximas que trouxeram outros olhares e percepções sobre os materiais de arquivo do Visões Úteis, gerando valiosas contribuições que “contaminaram” decisões artísticas e estéticas, enriquecendo em muito as formas e as expansões quiméricas. A exposição abrange todo o processo, dos registos de arquivo até à quimera final, e, pelo caminho percorrido, integra os trabalhos realizados pelos diversos grupos da comunidade: as crianças do 4º ano da Escola das Flores, os utentes do Centro N.º S.º do Calvário e o grupo multicultural da Casa da Pertença.

Uma coleção de sete quimeras enforma um olhar autoral, visual e performativo, sobre o figurino como matéria de arquivo e de agência de possibilidades de trans-figuração. Uma exposição de sete figuras que se “engrandam” e “transcendem”, sobre-elevadas nos seus “palcos” onde exibem a sua aparência híbrida, mítica e plural, entre o humano, o mitológico e o animal, aspirando a capacidade de reunir entidades díspares numa forma única, maior, heterogénea e luxuriante.

Na génese do projeto, estava já o seu duplo formato: por um lado, uma exposição de figurinos quiméricos; por outro, a sua ativação performativa - pois, se vamos resgatar quimeras do arquivo, não podemos deixá-las “petrificadas” no museu. É aqui que entra a parte do “arraial”. Da celebração, e da festa do arquivo. Do arquivo (mesmo) vivo. Numa parceria com a Escola Superior Artística do Porto, as quimeras são “ativadas” por jovens intérpretes que, em tempo real, são (por elas - as quimeras) convidados a vestir-se, a transfigurar-se, seguindo apenas algumas indicações que cruzam jogo e acaso - numa espécie de *blind date* em jeito de arraial performativo e não-normativo. Corpos jovens vestem tecidos antigos e inauguram novos lugares de criação a partir do figurino - objeto e matéria, tangível e metamórfico, agenciador de novos sentidos.

Olhar e pensar o figurino, na teoria e na prática, no teatro e no cinema, como escultura, como composição de materialidades, como lugar cénico, como arquitetura de relações no espaço, é algo que me parece relevante e urgente para o campo das artes performativas. A magnífica Casa São Roque, parceiro fundamental desde o primeiro momento, revelou-se o lugar mágico para acolher, nutrir e elevar as Quimeras. Abrindo as suas portas e janelas, deixando a luz entrar e iluminar.

O arquivo a respirar. O labirinto a chamar. As Quimeras a dançar.

E o número 30 volta a aparecer quando me apercebo que, neste ano de 2026, completo 30 anos de carreira como cenógrafa e figurinista.

Que a sorte (que, dizem, protege os audazes) continue a dar as cartas.

Por aqui, nós vamos jogando.

Inês de Carvalho

Direção artística Arraial de Quimeras

Visões Úteis; uma realidade inspiradora na zona oriental da cidade do Porto

Com o **Arraial das Quimeras**, a Casa São Roque homenageia e celebra mais de 30 anos de um percurso único de uma Instituição que tem marcado culturalmente a zona oriental da cidade, a **Visões Úteis**.

A Visões Úteis tem uma História de mais de 30 anos de produção teatral, que celebramos numa exposição inspiradora; a partir do seu “armário teatral de personagens e figurinos” mais icónicos, vão ser apresentadas numa exposição na Casa São Roque “esculturas que se contemplam e figurinos que performam”. Os alunos do curso de teatro da Escola Superior Artística do Porto vão assegurar um jogo colaborativo, num ciclo de ativações performativas da coleção de quimeras.

A colaboração entre Instituições culturais é essencial e cada vez mais relevante para um maior envolvimento com o mundo local e, por isso, o **Arraial das Quimeras** na Casa São Roque é uma celebração de como se quer criar, partilhar e divulgar um património cultural que é já uma das marcas da zona oriental da cidade.

As **Visões Úteis** são já uma realidade inspiradora na zona oriental da cidade do Porto e um dos seus faróis criativos.

Pedro Álvares Ribeiro,
Casa São Roque março de 2026

O ENTRETECER DOS DEUSES

De tal forma nos parece miraculoso o nascimento do teatro grego enquanto entidade já plenamente formada, que nos esquecemos de que ele é o resultado de um enorme conjunto de forças e tendências sociais e humanas a que se deu o nome de ritual ou sagrado.

Uma dessas tendências foi a fetichização dos objetos. Se hoje a ideia de objeto é passiva, quase insultuosa, durante milénios os objetos foram adorados, divinizados, ciosamente guardados e conservados e até enterrados com os seus proprietários, como se fossem os objetos que conferissem identidade aos seus donos, e não o contrário.

Indo mais longe, eram também os objetos que assinalavam a presença e a existência das divindades, e por isso os objetos lhes eram consagrados, oferecidos, sacrificados e até usados para representar o próprio deus.

As vestes eram elemento primordial de tal prática, e eram também as vestes que identificavam os sacerdotes e deuses. Esta prática perdurou de tal forma que ainda hoje a encontramos nas práticas de vestir e despir santos, de fazer roupas para santos ou no provérbio “O hábito faz o monge”, que tendemos a ler como qualificando algum tipo de aparência ou hipocrisia, quando na verdade nos diz que era realmente a veste que tornava alguém monge, pois o vestir era parte da própria investidura sagrada.

E o mesmo acontecia no teatro, em que era o figurino e a máscara que criavam o ator enquanto representação sagrada e simbólica dos deuses e heróis. Os figurinos serviam para dar identidade à personagem e ampliar o próprio corpo do ator para o tornarem grande e quase divino. Faz parte até da mitologia do teatro como o público da Oresteia de Ésquilo entrou em pânico, e alguns até desmaiaram, perante a imagem das Fúrias a entrarem em cena para perseguir o infeliz Orestes, depois de este ter sido forçado a assassinar a própria mãe para vingar o pai. Pelo contrário, o mesmo público enfurecia-se quando Eurípides lhes vestia os heróis como mendigos, para troçar de toda a ideia de heroísmo redentor.

Mesmo em tempos recentes, Stanislavski, em A Preparação do Ator, insistia na necessidade de os atores vestirem os figurinos como ponto de partida para a criação das próprias personagens. Para aquele encenador, o figurino era o elemento tangível que poderia levar os atores ao ato criador que lhes iria permitir viver a personagem.

É por essa razão que a Unidade Curricular de Figurinos tem um peso importante na formação em Teatro da Escola Superior Artística do Porto, tal como a de Cenografia. Nesta que é uma formação abrangente do labor e pensamento teatral, o Figurino não pode deixar de ser visto como o gatilho que permite desbloquear pensamento e a criatividade do que é possível acontecer em cena.

Afinal, o teatro é fundamentalmente uma ação que decorre num determinado contexto, e é impossível pensar ações em corpos que não tenham marcas profundas do tempo e do pensamento que o enformam.

Essa é a razão que nos levou desde logo a apoiar o projeto do Arraial de Quimeras, por reforçar alguns dos elementos que já existiam no curso, mas também por proporcionar aos alunos do curso uma oportunidade de compreender com o próprio corpo como é que este não lhes pertence inteiramente, mas é partilhado também com os deuses, através das vestes e roupas que nos fazem nós e nos fazem outros.

Jorge Palinhos

Diretor do Curso de Teatro | ESAP

O FIGURINO COMO MOTOR DE CRIAÇÃO (NO CINEMA)

O nascimento do cinema assistiu ao nascimento de uma forma de registo e fixação de imagens em movimento. Com isto, evoluiu rapidamente quer para ferramenta laboratorial e médica, quer para mecânica de espetacularidade e entretenimento. Pouco mais de duas décadas volvidas, o cinema dilatou-se com a inscrição artística à sua natureza. É disto exemplo maior o seu estabelecimento enquanto linguagem.

Mas se a linguagem cinematográfica comporta alguns elementos plenamente aceites, tanto nos estudos fílmicos como nas abordagens mais empíricas, como a realização, a direção de fotografia, a montagem (quicá a primeira linguagem especificamente cinematográfica), até mesmo a direção de arte, ou aquele conglomerado de relações entre estes e outros elementos, cunhado como *mise-en-scène*, é curioso como o figurino tem sido histórica e cronicamente posto de fora desta equação.

Sendo certo que há uma economia cinematográfica, que poderíamos chamar técnica, englobando tudo o que diz respeito às várias maquinarias de registo de imagem e de som, da câmara de filmar ao gravador de som, passando pela iluminação, até à outra gama de máquinas que trabalham esses mesmos materiais em pós-produção, podemos (e devemos) complementar com uma outra economia de materialidades.

O panorama tem mudado nas últimas décadas. Os estudos fílmicos têm cada vez mais incorporado as materialidades, nomeadamente a direção de arte e os figurinos, como elementos constitutivos da natureza do cinema, e não como objetos separados a operar dentro do cinema. Tem-se, inclusive, mobilizado o pensamento associado à *fashion theory* para refletir sobre a(s) textura(s) do cinema, mas sobretudo para alargar o seu entendimento, fazendo do figurino um elemento tão importante na economia estética do cinema, do seu “tecido” visual, de forma análoga ao grão da película (ou ao digital noise do digital) ou às dinâmicas da iluminação. Várias autoras, como Patrizia Calefato ou Giordana Bruno, têm vindo a aprofundar estas questões.

De um ponto de vista mais prático, os cineastas, novos cineastas e aspirantes têm vindo a demonstrar um interesse e uma sensibilidade crescente por estas preocupações estéticas. O segundo ou até terceiro plano à qual o figurino parecia fatalmente condenado não se está a cumprir. Novas lógicas de pensamento mais abrangente fazem destacar uma maior importância do figurino como pilar de constituição estética do cinema, contrariando um modo de o secundarizar face a outros elementos. Para que tal se mantenha e se imponha como paradigma criativo, existem dois elementos decisivos: é fundamental a existência de oferta formativa que dê resposta a estas questões, instigando um estudo e prática das materialidades, que desaguará sempre no enriquecimento do trabalho cinematográfico; e, não obstante os avanços que a academia tem feito, a produção de pensamento e reflexão sobre o figurino, sob forma de colóquios ou de exposições, não deve abrandar o ritmo que entretanto alcançou. Pelo contrário. Até porque o cinema precisará sempre tanto de figurinos como de câmaras.

Pedro Crispim

Diretor Pós-Graduação Direção de Arte | ESAP

No âmbito da parceria entre a companhia de Teatro Visões Úteis e a Escola Superior Artística do Porto, os alunos foram convidados a apropriar-se dos figurinos de arquivo dando-lhes novos sentidos em cena, e que se traduz na performance “Arraial de Quimeras”, de Inês de Carvalho. A relação dialógica entre o corpo e o figurino está no centro deste dispositivo performativo. O figurino-documento deixa de ser apenas um vestígio do passado para se tornar elemento vivo, capaz de expressar emoção, identidade e narrativa. Para mim, enquanto orientadora do processo criativo em contexto de aula, este trabalho constituiu não só um desafio criativo, mas também um espaço de encontro e de construção coletiva, cujo processo foi marcado pela escuta, pela descoberta e pelo compromisso entre todos os envolvidos. Mais do que orientar o gesto artístico, foi um privilégio observar a transformação dos corpos/intérpretes ao longo do percurso a partir deste “resgate de memória”.

Obrigada pela partilha

Luisa Pinto

Professora do Curso de Teatro da ESAP

Índice

QUIMERAS:

- 10 NARRADORA
- 18 FLOR
- 26 DITIE DITADOR
- 38 DUQUESA
- 46 NIOBIANO
- 56 ARKADINA BELMIRA
- 68 PREDADORA NOCTÍVAGA

SESSÕES EXPLORATÓRIAS COM:

- 80 EB1 DAS FLORES
- 86 CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL N.º SENHORA DO CALVÁRIO
- 92 CASA DA PERTENÇA

ATIVAÇÕES PERFORMATIVAS:

- 96 ESCOLA SUPERIOR ARTÍSTICA DO PORTO
- 101 FICHA TÉCNICA



Narradora

Narradora

ESPETÁCULO: A Frente do Progresso (2007)

PERSONAGEM: Narradora

FIGURINO ORIGINAL: Ana Luena

Em 2007, para “A Frente do Progresso”, convidámos José Carlos Fernandes a criar um conjunto de ilustrações inspiradas pelo conto homónimo de Joseph Conrad, e que serviriam de ponto de partida para toda a realização plástica do espetáculo.

A “Narradora” das aventuras de Kayerts e Carlier no posto comercial africano era a figura que escapava ao mundo “cartoonesco”, quase bidimensional que criámos no palco do Teatro Carlos Alberto. Num figurino criado por Ana Luena para acentuar uma dupla qualidade pueril e teatral, a “Narradora” era quase uma criança que brincava com os seus bonecos num teatrinho de papel... talvez como Kayerts e Carlier brincavam aos civilizadores naquela terra de “selvagens”.

A Quimera Narradora adensa-se em teatralidade e drama: ativa e emplumada, com um olhar que sobrevoa - pássaro em chamas sobre o mundo. Sob as suas asas-concha, envolve as gaiolas que estruturam todas as histórias e delineiam as suas fronteiras.



NARRADORA - A FRENTE DO PROGRESSO



Estavam dois homens brancos encarregues do entreposto comercial. Kayerts, o chefe, era baixo e gordo. Carlier, o assistente, era alto e cabeçudo. Chegaram numa tarde cheia de sol, com o Diretor da Grande Companhia do Comércio, num barco a vapor que parecia uma lata de sardinhas.

Kayerts e Carlier tinham resolvido instalar-se confortavelmente na sua nova vida. Não havia duas criaturas menos preparadas para tal empresa. A sociedade tinha sempre tomado conta destes dois homens. Não por ternura, mas por precisar deles, por estranho que pareça. E agora, por falta de prática, eram incapazes de qualquer iniciativa, de qualquer fuga à rotina.

Kayerts e Carlier davam-se bem, na estupidez, na preguiça. Juntos não faziam nada, absolutamente nada e gozavam aquela vida de ócio pela qual estavam a ser pagos. E com o tempo acabaram por sentir afeto um pelo outro, ou algo parecido com afeto. Viviam como cegos num enorme salão, apercebendo-se apenas daquilo que lhes era mais próximo, mas incapazes de compreender o aspeto geral das coisas.

O rio, a floresta, o sol, tudo aparecia e desaparecia diante dos seus olhos, sem ligação e sem direção. O rio parecia vir de lado nenhum e seguir para nenhum lado. Fluía no vazio.



"A Frente do Progresso" a partir de "An Outpost of Progress" de Joseph Conrad, adaptação de Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins

SOBRE O ESPETÁCULO



© João Tuna, TNSJ

Kayerts e Carlier estão encarregues de um entreposto comercial, nas margens de um rio, no coração da selva. Rodeados por uma imensidão que se torna mais estranha e incompreensível pelas visões fugazes e misteriosas da vida intensa que contém, os dois homens são como crianças e não têm qualquer preparação para enfrentar tal desafio. Uma parábola do nosso mundo num registo cómico e grotesco.



© João Tuna, TNSJ



© João Tuna, TNSJ



© João Tuna, TNSJ

FOTOGRAFIA DE CENA: A Frente do Progresso (2007)



FIGURINO ORIGINAL



Fleur

Flor

ESPETÁCULO: unraveling (2023)

PERSONAGEM: Flor Alien

FIGURINO ORIGINAL: Maria Manada

Pelo espaço imersivo de “unraveling” rumavam três vozes, que habitavam corpos de aparência humana, deliberadamente semi-ocultados pelas vestes que os cobriam e quase confundiam com o ambiente à volta.

Talvez vozes da consciência humana, talvez sussurros da Natureza, talvez ecos da coexistência de ambos. Talvez uma pedra, talvez uma abelha... Talvez uma flor... uma flor alien. Seguimos uma silhueta cujas feições não descortinamos, uma voz que sai de um corpo, mas não parece ser emitida por ele...

O figurino desta Flor, criado pela Maria Manada, sofreria o contratempo de não se poder concretizar exatamente como imaginado. Um inexplicado atraso de entrega negou-lhe o padrão de Ernst Haeckel com que se completaria a sua capa de cintilância estelar. Tarde demais para “unraveling”, mas... a tempo destas “Quimeras”!

*Honrando o tecido que tanto (se) esperou, enformou-se um avental com 6 bolsos, de onde brotam - qual floreira vertical - as flores sonhadas... as flores alien. A **Quimera Flor** confunde-se com aquilo que de si emana: uma “vegetalia” inventada a muitas mãos, feita de “fuxicos” gerados em círculo feminino, entre segredos e imaginações, e que percorrem o corpo ligados por lesmas ou lagartas de outros mundos.*



FLOR - UNRAVELING

“

estou aqui, de costas, e estou aqui de costas porque gostava
gostava de vos propor que suspendessem temporariamente as
vossas crenças sobre mim, gostava que pensassem em mim como
se eu fosse uma flor.....gostava que não fosse uma flor deste
planeta, gostava que fosse uma flor alien e.....gostava que
pensassem neste pedido como um desejo

Quem me dera ser uma flor alien

eu não me importo muito com a minha forma..... eu acho que
eu sou só..... um conjunto de ideias. Um conjunto de ideias que
vieram de outra forma, de outro ponto do espaço-tempo e vão
seguir para outra forma, para outro ponto do espaço-tempo, por
isso --- é igual não é? podem pensar em mim como uma flor alien
mas também podem pensar em mim como se fosse outra coisa
qualquer, uma alga ou assim, eu preferia a flor alien, claro, mas é
igual - mesmo.

E, ao dizer isto - que eu sou um conjunto de ideias que veio de uma
outra forma, anterior a mim, de outro ponto do espaço-tempo - eu
não queria que pensassem só na forma da minha mãe, eu também
queria sugerir o regresso infinito, sabem? do género: eu vim da
minha mãe e a minha mãe veio da mãe dela e a mãe dela veio da
mãe dela, e por aí fora; e elas e eu viemos de outros mamíferos...
e assim sucessivamente, até chegar às cianobactérias em direção
ao big bang e para lá, até ao infinito, justamente.

”

SOBRE O ESPETÁCULO



© Gabriela Valente, TAGY

*“unraveling” nasceu de um fluxo de conversa
a três vozes que foi encontrando sinerónias
em certos temas gerais - a ecologia, a
arte, a política -, na procura transversal de
empatia - entre seres, tempos, dimensões
- e na crença na metamorfose como única
certeza universal possível.*

*Seguindo esse fluxo, criámos um
dispositivo a partir do desenrolar, do
desdobrar, do “unravel” daquele conversar.
Um espaço cénico a que nos habituámos a
chamar “atelier mental”, e onde se operava
um curto-circuito entre materialidade e
abstracção, plasmado na multiplicidade de
sentidos da palavra deambular.*



© João Peixoto, TMP



© João Peixoto, TMP

FOTOGRAFIA DE CENA: unraveling (2023)



FIGURINO ORIGINAL



Ditie Ditador

Ditie

ESPETÁCULO: Celebração – Eu que servi o Rei de Inglaterra (2002)

PERSONAGEM: Ditie

FIGURINO ORIGINAL: Paulo Soares

Talvez a primeira certeza deste projeto foi a de que este “fraque tornado jaqueta militar” teria de integrar a presente coleção de Quimeras. Será, porventura, a peça com a mais interessante (e não planeada) dualidade do arquivo do Visões Úteis.

O figurino original surgiu para o espetáculo “Celebração”, composto de dois monólogos curtos. O primeiro monólogo partia de “Eu que servi o Rei de Inglaterra” do escritor checo Bohumil Hrabal e, nele, o protagonista Ditie preparava uma luxuosa mesa para um banquete que nunca aconteceria. E entretanto contávamos como sempre se tinha sentido humilhado pela sua pequena estatura, como tinha trabalhado durante anos como garçon, como tinha assistido à invasão da Checoslováquia pelas tropas de Hitler e tinha visto aí uma oportunidade de vingança pelo seu passado de constante inferiorização.

Traidor para os checos, não ariano o suficiente para os alemães, Ditie é uma figura trágica e mesquinha, empurrado pelos acontecimentos sem nunca encontrar o seu lugar, o seu papel.



DITIE - CELEBRAÇÃO

“

Bebemos champanhe à ocupação de Praga. Os oficiais brindavam com Lisa e mesmo comigo. Ela explicava-lhes sempre com que bravura eu me tinha comportado, defendendo a sua honra germânica contra a população checa. Eu inclinava-me e agradecia os cumprimentos, erguendo o copo. Mas não sabia, nem podia saber, que os cumprimentos se dirigiam unicamente a Lisa, e que pouco ou nada me ligavam, apenas me suportavam como apêndice de Lisa, a Comandante das enfermeiras militares.

Eu tinha uma bela sensação ao poder participar nesta festa. Estava entre capitães e coronéis, entre jovens que tinham os olhos igualmente azuis e o cabelo igualmente louro como eu. É claro que não falava bem alemão, mas sentia-me como um alemão. Como a Bela Adormecida, eu necessitava encontrar a menina Lisa, pisar o seu sapatinho preto e acordar, como naquele conto de fadas.

Regressando da festa, Lisa pediu-me para eu examinar a minha árvore genealógica, que certamente lá devia haver algum antepassado germânico. Eu só lhe respondi que o meu avô tem sobre a campa escrito “Johann Ditie” e que era estribeiro numa família aristocrática. Eu sempre me envergonhara daquele estribeiro de cavalaria. Mas quando Lisa ouviu isso, eu cresci aos seus olhos mais do que se fosse um conde checo. Parecia que, graças àquele “Ditie”, tinham caído todas as muralhas e muros invisíveis que nos separavam.

Tive a impressão, talvez pela primeira vez na vida, que não é preciso ser-se grande de estatura, mas sentir-se grande, e assim deixei de ser não só um pequenino criado de mesa, mas também o groom, um garçon pequeno, que na sua pátria foi condenado a ser pequenino até ao fim da sua vida, deixando que o chamassem pitorra e atarracado, mas agora era “Herr Ditie”!

”

“Celebração” a partir de “Eu que servi o Rei de Inglaterra” de Bohumil Hrabal, adaptação de Ana Vitorino

SOBRE O ESPETÁCULO



© Paulo Pimenta

De um lado, um homem prepara a mesa onde será servida uma grande refeição. Do outro, um homem senta-se dignamente à mesa saboreando a sua refeição. A imagem pode ser enganadora o primeiro prepara-se para seguir o exemplo dos homens bem sucedidos que até aí serviu, e o segundo é de facto um condenado à morte. Dois monólogos que representam as duas faces daquele momento em que o mundo se divide entre os que celebram e os que são marginalizados ou mesmo eliminados.

Ditador

ESPETÁCULO: Yuck Factor (2015)

PERSONAGEM: Ditador 2 (Hitler)

FIGURINO ORIGINAL: Inês de Carvalho

Quando, em 2015, a Inês de Carvalho decidiu adaptar o fraque de Ditie para vestir dois ditadores de uma cena do espetáculo “Yuck Factor”, a ironia não nos saltou logo à vista. É que, depois de perder as abas de fraque e ganhar insígnias militares e outros símbolos de importância, o figurino do garçon simpatizante das forças invasoras nazis acabaria por aterrar nos ombros do próprio Hitler.

Mas, tal como Ditie na sua “Celebração”, o ditador não teria aqui já qualquer tipo de poder ou controlo. Confrontado com a iminente derrota no final da II Guerra Mundial, prostrado sobre a toalha-mapa que ilustra o território que tentou devorar, Hitler anseia e delira, enquanto espera que lhe sirvam uma (última?) refeição.

Ditie Ditador, Quimera dupla. A mão-luva branca do criado Ditie. A mão inchada e negra do Ditador. A primeira compõe-se de mãos que servem e, sempre que podem, esganam para ascender. A segunda é uma mão polvo que se multiplica e alastra, subterrânea e rizomaticamente, como um vírus que ganhou vida própria e ambiciona tomar o mundo, perseguindo, contaminando e ocupando as mentes mais vulneráveis.

SOBRE O ESPETÁCULO



© Susana Neves, TNSJ

Em “Yuck Factor” propusemos um menu com comida e repugnância, em doses (provavelmente) superiores às diárias recomendadas! Seguimos o trabalho de uma peculiar equipa, que prepara e leva a cabo um evento adequado a convidados de todos os tipos e nacionalidades. Uma oportunidade para esclarecer e transmitir as regras e procedimentos determinantes para uma reunião bem sucedida. Mas também para refletir sobre a Europa de hoje, a frágil construção da nossa identidade comum e os perigos da crescente intolerância.

DITADOR - YUCK FACTOR



HITLER está sentado, deprimido, à mesa.
KONSTANT trabalha afincadamente na cozinha.

HITLER – Konstant!

KONSTANT – Sim, mein Führer?

HITLER – Temos notícias da Frente?

KONSTANT – Hã... parece que está tudo bem,
mein Führer.

HITLER – E o que sugeres em termos de vegetais?

KONSTANT – Temos uma bela jardineira.

HITLER – Leva carne?

KONSTANT – Não, mein Führer!

HITLER – Carne faz mal!

KONSTANT – Faz!

HITLER – Então porque é que sugeriste a carne?!
Há cenouras?

KONSTANT – Sim, mein Führer!

KONSTANT vai à cozinha e traz uma cenoura. HITLER pega nela.
Começa a escorregar até ao chão. KONSTANT ajoelha-se e
pega-lhe na mão.

HITLER – Konstant... sabes... estou fraco.

KONSTANT – Sente-se mal, mein Führer?

HITLER – Não, acho que... finalmente vou precisar...
de um bife.

KONSTANT – Um bife, mein Führer?

HITLER – Traz-me um bife, Konstant. Mas não digas
a ninguém.

KONSTANT vai à cozinha e traz um bife.

HITLER levanta-se.

HITLER – O que é isso, Konstant?

KONSTANT – Um bife...

HITLER – Não posso comer isso, Konstant, está cheio de sangue!
Não há mais nada?

KONSTANT – Há beringela no forno.

HITLER – No forno? Qual forno?

KONSTANT – O forno da cozinha, mein Führer!

HITLER – Quanto tempo demora uma beringela
a cozinhar no forno?

KONSTANT – Cerca de...

HITLER – Traz-me uma coisa crua.

KONSTANT – Crua?

HITLER – Fresca... com casca.

KONSTANT – Com casca...?

HITLER – Fruta! Uma peça de fruta.

KONSTANT – Uma laranja? Uma pêra? Uma maçã? Uma banana?

HITLER – Uma ameixa.

KONSTANT vai à cozinha e procura a ameixa.

HITLER senta-se, deprimido.

HITLER – Notícias da Frente, Konstant?

KONSTANT (grita da cozinha) – Dizem que está tudo bem, mein
Führer!

HITLER – E a ameixa?

KONSTANT – Está a ir...

KONSTANT leva-lhe a ameixa.

HITLER (sem olhar) – Não era bem isto que eu queria.

KONSTANT – É uma ameixa.

HITLER – Está abafado!

KONSTANT – Abro uma janela, mein Führer?

HITLER (em pânico) – Não! Fecha tudo!

KONSTANT (pegando na ameixa) – Deseja outra coisa, mein
Führer?

HITLER (fechando os olhos) – Leva-me ao mapa.

KONSTANT leva-o pelo braço. Ele aponta às cegas
para um ponto no mapa.

HITLER – Está decidido! Vamos para aqui!

KONSTANT – Muito bem, mein Führer. E para comer?

HITLER (voltando a sentar-se) – Vamos recapitular.

KONSTANT volta à cozinha. Não sabe o que fazer.

HITLER – Konstant, notícias da frente?



“Yuck Factor” de Ana Vitorino e Carlos Costa



© Susana Neves, TNSJ



© Susana Neves, TNSJ

FOTOGRAFIA DE CENA: Yuck Factor (2015)



FIGURINO ORIGINAL



Duquesa

Duquesa

ESPETÁCULO: Little B (2019)

PERSONAGEM: Duquesa Maléfica

FIGURINO ORIGINAL: Inês de Carvalho

Ninguém tem bem a certeza de como este figurino nos chegou às mãos... apenas a ideia de que "alguém conhecia alguém" que o teria herdado de um grupo de teatro amador, e nos teria feito a dádiva. Apesar do interesse despertado – muitas foram as utilizações em ensaios, aulas de teatro, etc. –, parecia nunca surgir o contexto certo para o levar à cena. Era um figurino demasiado... teatral?

Mas quando, em 2019, criámos "Little B" – um espetáculo sobre "fazedores de teatro", inspirado pela carreira e biografia de Mário Moutinho –, a "Duquesa Maléfica" (assim postumamente batizada) encontrou o seu lugar: no início de uma peça que começava com o final de uma peça. Em palco, uma companhia desmonta um espetáculo que não chegámos a ver. Os despojos de figurinos que ainda envergam – coloridos, brilhantes, "teatrais" – aludindo às muitas produções de textos clássicos no percurso de Mário Moutinho, enquanto ator e marionetista.

A Quimera Duquesa funde três peças de figurino pertencentes a três personagens da peça que não chegámos a ver: a jaqueta clownesca doada, a capa farsesca de diabo e a saia de "los corrales". Na transformação, a jaqueta expande-se e desdobra-se em asas de morcego; a capa torna-se sobressaia; e somam-se as calças-tubo, em acordeão. Imaginamo-la como um morcego - marioneta suspensa, de pernas para o ar.



DUQUESA - LITTLE B



Três atores mais novos (ANA, CARLOS e SARA) ajudam um ator mais velho (MÁRIO) a recordar a memória da sua apresentação mais marcante.

ANA – A noite mais importante na tua vida como ator.

MÁRIO – Essa noite tenho a certeza que nunca contei.

CARLOS (para MÁRIO) – “Uma vez eu estava aflito num espetáculo...”

MÁRIO – Uma vez eu estava aflito num espetáculo, sim...

CARLOS – “Tinha uma cena complicada para fazer...”

ANA – Eu também.

SARA – Eu também.

CARLOS – “E aquilo não me estava a sair bem, não sei porquê...”

ANA – ... não saía!

CARLOS – / Fui tentando experimentar.../

ANA – / Experimentei de várias maneiras.../

SARA – ...mas soava sempre a falso.

MÁRIO – E uma noite experimentei dizer aquilo ...assim...

CARLOS E MÁRIO – ... muito exagerado...

MÁRIO (replicando a sua movimentação no espetáculo “Vida de Esopo”) – ... a esbracejar por todo o lado... de tal forma que a certa altura até me esqueci da marioneta, ela ficou ali pendurada, sem vida, enquanto eu... (tenta recordar o texto, enquanto se deixa levar pela memória do corpo) “Sabes tu quem me atormenta? Aqui bem em segredo, ai como tenho medo”, não sei quê, “resoluto”, “és tu, ingrata com este enredo, ai ai ai ai ai, o que eu lamento”, e mais os monstros, “aquele monstro... que anda cego, nu e cru”... (lembra-se, ajoelha-se apaixonadamente; para SARA) “E indo nós assim andando, ao depois o tempo daria de si alguma coisa; pois que diz? Sim?”



“Little B” de Ana Vitorino, Carlos Costa, Mário Moutinho, Sara Barros Leitão

SOBRE O ESPETÁCULO



© Inês de Carvalho, VU

Em “Little B” o que interessa não é tanto a documentação de uma vida, antes a pluralidade de vidas que uma vida pode conter; não é tanto a vida vivida por Mário Moutinho, mas a sua vida por viver; não tanto aquilo que (d)ele se recorda mas os atalhos, imprecisões e armadilhas da memória... E não é tanto o sucesso que alcançou, mas sobretudo o que sonhou e falhou fazer - porque é aí que todos nos encontramos.



© José Caldeira, TMP



© Inês de Carvalho, VU



© Inês de Carvalho, VU

FOTOGRAFIA DE CENA: Little B (2019)



FIGURINO ORIGINAL



Nisbians

Niobiano

ESPETÁCULO: Nióbio (2012)

PERSONAGEM: C

FIGURINO ORIGINAL: Inês de Carvalho

Em 2012 decidimos abandonar “o Portugal” e fugimos para uma micronação totalmente criada de raiz: “Nióbio”. Inventámos o seu hino, escrevemos a sua História, delimitámos o seu território e definimos a sua língua. Até lhe cunhámos o mote apropriado: “Nada é um erro de ninguém!”

Quem são os niobianos? Seres resilientes, sonhadores, preguiçosos, revoltados, ambiciosos, carregando os ressentimentos do Passado, sobrevivendo aos obstáculos do Presente e antecipando as dificuldades do Futuro.

Mas os niobianos são também muito criativos... Para conseguir o que desejam, vestem o traje de mágico, contam uma história mirabolante, gritam três ou quatro expressões tenebrosas e a realidade parece desvanecer-se numa cortina de fumo.

O truque está à vista de todos... mas o público aplaude na mesma!

*O ilusionista e o leão fundem-se numa só entidade: esta **Quimera Niobiano** veste as peles e os pêlos outrora usados pelo povo de Nióbio e ostenta, encantadora, a sua juba dourada e “folhada”. Suspensa num tempo para além do tempo, eleva-se acima dos ressentimentos, dos obstáculos e das dificuldades. Aos seus pés, Atlas suporta o mundo às costas. Esta quimera convoca a ilusão - ou talvez a promessa - de uma outra nação por vir.*



NIOBIANO - NIÓBIO



C – Se calhar era melhor arranjarmos qualquer coisa para entreter os visitantes.

B – Quais visitantes?

C – Os turistas. Nióbio podia ser um destino turístico... pitoresco, único.

B – Mas o que é que temos para lhes mostrar?

A – Eu sou um turista. (passeia) Ó que sítio interessante, o que é que há para ver? O que é que há para comer? O que é que há para fazer?

C e B não têm resposta.

A – Nada? Bah, vou-me embora deste sítio horrível!

A simula que o turista se vai embora.

C – Espere! Espere! Não se vá embora! Temos... Magia!

B – O quê?

A (parando) – Agora fiquei interessado.

C vai buscar um baralho de cartas.

C – Fazemos Magia! É fácil! É só prender a atenção e causar uma distração. Eles caem que nem uns patinhos!

B – Não podes só fazer uns truques, isso qualquer um faz! Para ser magia tens de criar um espetáculo. Espera. (vai buscar o "Manual de mágicas do Mandrake") Aqui está o livro que ensina como se faz um espetáculo de sucesso!

C (para A) – Este truque vai ser espetacular!

B (lendo) – "Nunca apresente um truque sem estar certo do seu sucesso".

C – Este é um truque que nunca falha...

A (afastando-se) – Não estou interessado, não estou interessado...

B (lendo) – "Escolha o seu estilo e mantenha-se fiel a ele."

C (adoptando um ar oriental) – Aproxime-se, cavalheiro! Vai assistir a um momento único de transubstanciação!

B (lendo) – "Cative a atenção da plateia, conte uma história interessante."

C – Este é um truque oriundo das estepes da Mongólia...

A (aproximando-se) – Estou a ficar interessado...

C – Foi desenvolvido por... virgens... mongolanas.

A – Estou mais interessado...

C – Veja este baralho. Eu vou baralhá-lo.

A – Esse baralho está viciado!

B (lendo) – "Se houver um espetador desconfiado, peça-lhe que participe no truque".

C (para A) – Preciso que participe. Podia baralhar, por favor?

A baralha e devolve o baralho a C.

C (mostrando a carta de cima) – Memorize esta carta. (pousa o baralho e coloca um prato por cima) E agora observe, porque é agora que tudo acontece! (saindo do estilo de mágico) Mas é mentira, porque na verdade já começou, a história da Mongólia era só conversa para tu não perceberes que estava tudo preparado, e a carta esteve sempre por cima, e por baixo do prato há uma plasticina que agarra a carta que eu faço cair no recipiente sem que tu percebas!

B (lendo, chocado) – "Nunca revele o segredo de uma mágica".

C – E pronto, daqui para a frente é só trabalho de ator, encenação, adereços (pega num pano) e música!

B – Espera! Estás a chegar ao fim?

C – Sim.

B – Então presta atenção! (lendo) "Cuidado! Por muito bem que tenha corrido o espetáculo, no final você pode deitar tudo a perder se terminar com uma frase sem sentido."

C hesita. Olham uns para os outros.

C – Bom... (volta a assumir o estilo de mágico) E agora, pelas artes mágicas da longínqua Mongólia, a carta que estava em cima vai aparecer em baixo! (mostrando a carta) Transubstanciação!



SOBRE O ESPETÁCULO



© Inês de Carvalho, VU

*Numa espécie de enclave territorial,
um estranho grupo de personagens decide
separar-se do seu país natal e proclamar a
independência de um novo Estado. A nova
micro-nação, Nióbio, é constituída por
três habitantes, uma banda e uma lagosta.
E a banda nem sequer está completa.*



© Paulo Pacheco, Guimarães 2012



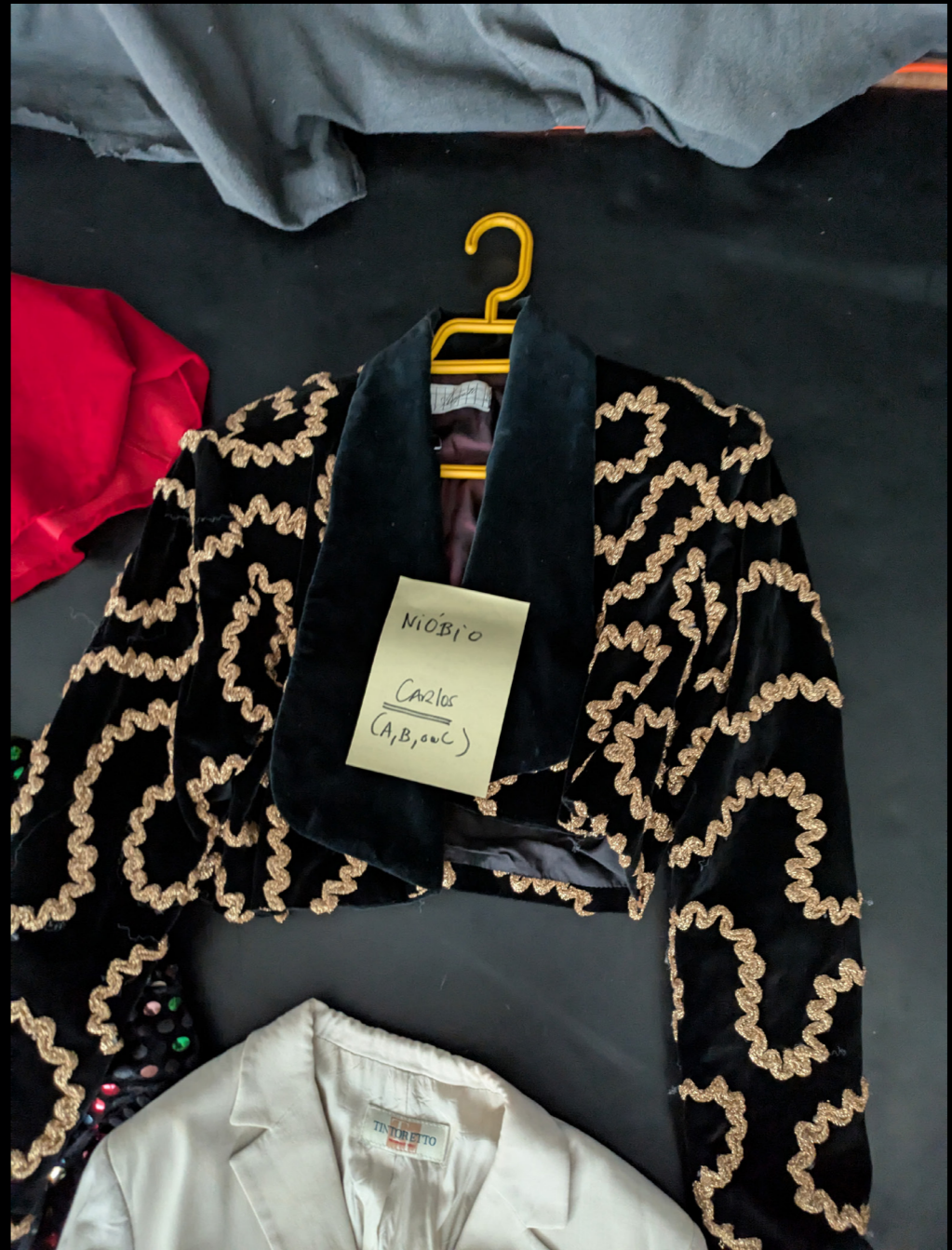
© Inês de Carvalho, VU

FOTOGRAFIA DE CENA: Nióbio (2012)



© Inês de Carvalho, VU

FOTOGRAFIA DE CENA: Nióbio (2012)



FIGURINO ORIGINAL



Arkadina Belmira

Arkadina

ESPETÁCULO: Seis Gaivotas (2000)

PERSONAGEM: Arkadina

FIGURINO ORIGINAL: Laia Oms

Quando um encenador explora o que considera ser uma hipótese revolucionária – que as seis personagens presentes no final de “A Gaivota” de Tchekov podem ser as “Seis Personagens à procura de um Autor” de Pirandello –, o resultado é... “Seis Gaivotas”. As personagens são agora os atores que, num ensaio aberto, partilham com o público tanto as cenas de “A Gaivota” que já estão preparadas, como as tentativas de improviso sobre as cenas que se seguiriam.

Arkadina, figura excessiva que aqui veste o que poderíamos chamar de “power suit”, é a própria personificação de um teatro “estagnado” que as novas ideias tentam destruir, um teatro de egos e idolatrizações, mas que ainda detém o poder e esmaga, sem hesitações, qualquer pretensão de mudança.



ARKADINA - SEIS GAIVOTAS



O que é que ele tem? Mas o que foi que eu lhe disse?

Mas se ele mesmo nos tinha avisado de que a peça não era a sério... O que eu disse foi por brincadeira, também!

O rapaz ainda acaba por ter escrito uma obra-prima! Por favor, não me venham com essa. Mas, então não foi só para se divertir que ele apresentou este espetáculo e nos mergulhou a todos num banho de enxofre?! Era uma demonstração! Pretendeu mostrar-nos, muito simplesmente, como se escreve e representa.

Está a tornar-se demasiado saturante, ao fim e ao cabo. Estas pequenas arremetidas, estas picadazinhas, dirigidas contra mim, ah, por favor, cansam-me, aborrecem-me. Um rapazinho autoconvencido e caprichoso. Se me queria ser agradável, porque não pegou numa peça vulgar - porque é que nos pôs todos aqui sentados diante desta divagação decadente?

Aliás, se tivesse sido só por brincadeira, ainda me dispunha a ouvir meia dúzia de balelas em estilo declamatório, mas o que nós estamos a ver aqui pretende ser outra coisa: pretende dar-nos uma forma nova, uma novíssima Era, na Arte. O que eu concludo é que não há formas novas em perspectiva; só vejo um péssimo feitio.



"Seis Gaivotas" a partir de "A Gaivota" de Anton Tchekov, adaptação de Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

SOBRE O ESPETÁCULO



© Paulo Pimenta

Uma companhia quer falar de arte e de teatro, inventar novas formas, unir dois textos actuais há quase um século. A proposta é unir "A Gaivota" de Tchekov e "Seis Personagens à procura de Autor" de Pirandello. Mas a companhia falha. E, ao falhar, fala ao público de arte, de teatro e de pessoas.

Belmira

ESPETÁCULO: Estudos – Estudo nº 3: Vou comprar um cavalo e desandar (2000)

PERSONAGEM: B

FIGURINO ORIGINAL: Sofia Matos Soares*

Quando, um ano depois de “Seis Gaivotas”, voltámos a vestir uma figura de poder, o figurino original de Arkadina regressaria à cena. No terceiro destes “Estudos”, a personagem “B” representava o poder económico, mas também uma afinada capacidade de elaborar discurso público e lidar com a exposição mediática que, numa conversa televisiva, entra em absoluta colisão com a ingenuidade de alguém que se tornou famoso por, despretensiosamente, realizar uma ação heroica.

O texto foi inspirado por uma entrevista do empresário Belmiro de Azevedo, o que cunharia a inicial pela qual se nomeava a personagem... nome que agora, 25 anos depois, finalmente se completa nesta exposição.

A Quimera dupla Arkadina Belmira toma o ar que a rodeia sem esforço algum e domina-o, com uma leveza encantatória. Dos seus círculos de ouro irradia um poder que gera uma força invisível, elevando-a acima de todos os homens. Veste correntes douradas, relíquias carcaças, e um casaco alado de costas rendilhadas; erguem-se-lhe chifres de sedoso cabelo negro, coroados por uma crista punk imaculada. Que força é essa?

* pseudónimo de Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

SOBRE O ESPETÁCULO



© Paulo Pimenta

“Estudos” foi a primeira parte do projeto “Visíveis na Estrada através da Orla do Bosque”, onde falamos de fronteiras, dos “eles” do outro lado ou ao nosso lado, dos heróis que atravessam fronteiras e daqueles que as erguem, da forma como falamos uns com os outros ou como disfarçamos a nossa impotência.

Quatro situações, quatro fronteiras, quatro linguagens. Neste “Estudo nº 3”, uma conversa para as câmaras entre um herói derrotado pela situação e um oportunista que a domina.

BELMIRA - ESTUDOS



Eu tenho muito claro para mim que a mais-valia material que nós formamos desde o dia do nascimento até ao dia da morte é um fatinho e um par de sapatos. Não tenho quaisquer ilusões a esse respeito, e a verdade é que nem tenho chance de gastar um décimo da minha fortuna. Não é verdade que eu seja uma mulher poderosa. Nem sei porque é que se diz isso. Ninguém pode dar um só exemplo de arrogância da minha parte. Uso o dinheiro com uma grande responsabilidade social. Sou, até pode parecer pretensão dizê-lo, mas sou uma cidadã exemplar. Não tenho nem nunca tive a pretensão de ser uma representante das outras pessoas. Aliás, nunca estive filiada em nenhum partido, nem nunca estive de forma alguma envolvida na vida política.

Eu sempre fui uma rebelde e há um certo tipo de jogos e conveniências com os quais não seria capaz de compactuar. Eu sou uma pessoa de ação, sou muito empreendedora e a minha filosofia é tirar o máximo do sistema capitalista, que é o que gera mais riqueza, que dá mais liberdade às pessoas e que mais dignifica a pessoa humana. E eu sempre tive muito respeito pelos que vivem mal. Eu sou, em suma, uma liberal com preocupações sociais.

Nada me revolta mais que a incapacidade de certas pessoas, algumas até com grandes responsabilidades, de olhar à volta. E é por isso que defendo que a verdadeira resolução dos problemas passa por uma visão de conjunto que permita um desenvolvimento sustentado. Mais, salta à vista que hoje com a globalização, não é possível agir sem essa visão de conjunto. A verdade é que a globalização faz aumentar a riqueza de tal modo que os países pobres já podiam estar bastante melhor. E o desenvolvimento desses países é também do interesse dos países ricos que precisam deles como mercado e os deviam ajudar. Claro que há outros problemas: os países pobres não são solidários entre si, não ajudam, há imensa corrupção... e nem sequer sabem ser manhosos.

Eu sei que as pessoas ainda têm uma certa dificuldade em aderir a este tipo de discurso. Em perceber o que está realmente em causa. Se bem que mais tarde ou mais cedo, as pessoas acabarão por compreender. É inevitável.



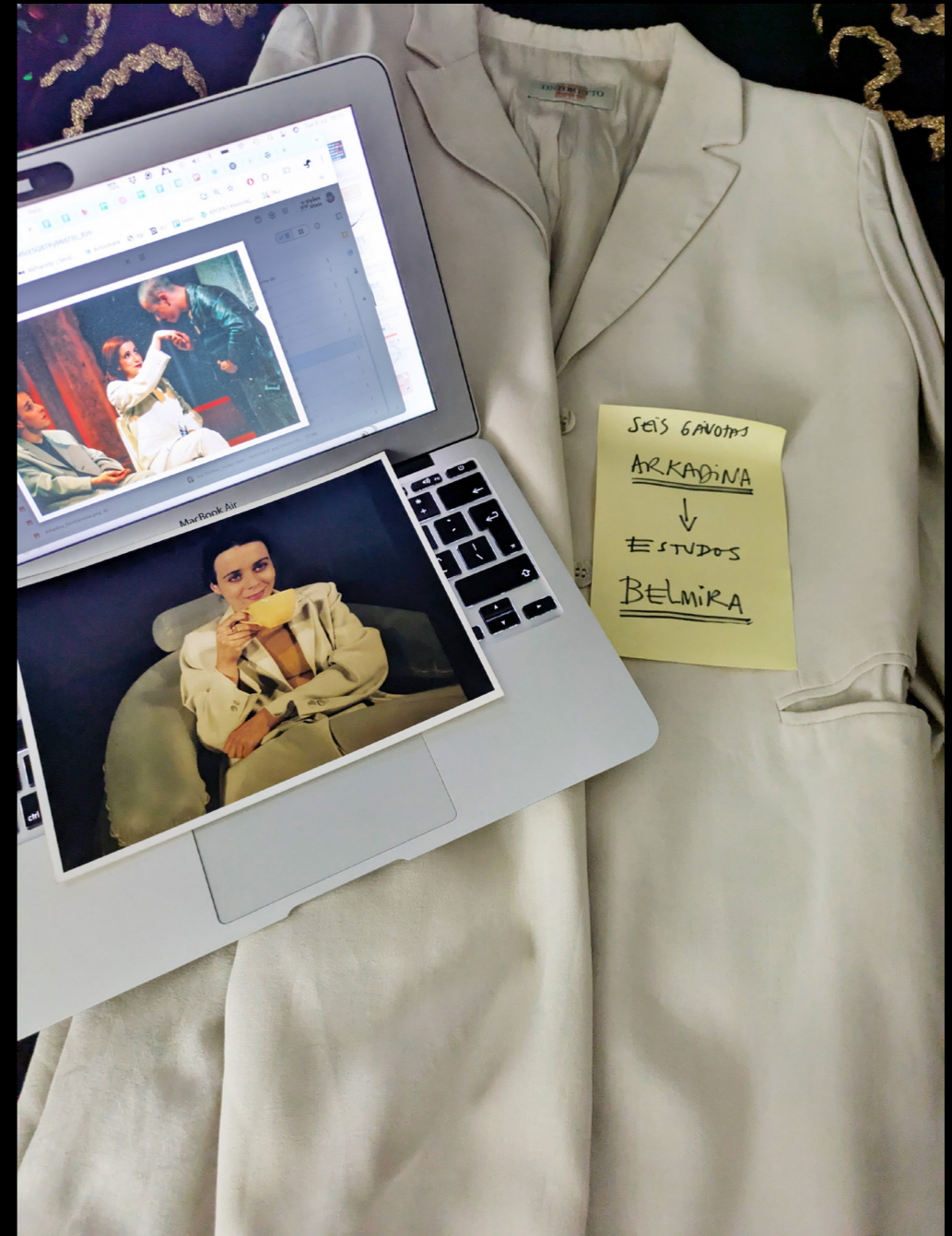


© Paulo Pimenta



© Paulo Pimenta

FOTOGRAFIA DE CENA: Estudos (2000)



FIGURINO ORIGINAL



Predadora Noctivaga

Predadora

ESPETÁCULO: Biodegradáveis (2014)

PERSONAGEM: Diretora-Predadora

FIGURINO ORIGINAL: Inês de Carvalho

Em "Biodegradáveis" abordamos algumas difíceis questões sobre a nossa mortalidade e sobre as decisões que, a propósito dela, tomamos... ou não queremos tomar. Mas confrontamos também alguns dos paradoxos éticos na indústria da saúde, ilustrando o modo como alguns lucram, de forma predatória, com os nossos mais profundos medos.

Caso da (ficcional) Diretora de uma clínica que, aproveitando as incertezas que as percentagens encerram, promove a mastectomia preventiva a uma jovem e ingênua "cliente", numa estratégia de ataque que faria inveja a qualquer caçador felino!



PREDADORA - BIODEGRADÁVEIS



A DIRETORA de uma clínica atende uma jovem MULHER que fez uma ressonância magnética.

Pois é... Pois é, pois é.

Com que número é que saía daqui perfeitamente descansada? E não diga zero, isso não existe.

Bom, eu vou dizer-lhe: a probabilidade de cancro para si é de 68%. Mais ou menos a meio entre o sentimento indefinido e o "Caramba, queres ver que vou mesmo ter cancro?". E é a partir deste número que vamos ter que tomar decisões. Como é que encara a vida? Para mim o que interessa é a vida. E o contrário da vida é a morte. E a morte é o final. A vida para mim é transformação. Enfim, mas isto é para mim...

Eu sei, é uma decisão complicada... e devia ser tomada hoje. Porque hoje estamos com uma promoção de 60% em todas as mastectomias preventivas, que visa premiar as pacientes que decidem depressa. Se decidir hoje, eu posso tê-la numa marquesa depois de amanhã. E se avançar damos-lhe 90% de probabilidade de não ter mais problemas.

Se fosse a sua filha a estar nesta situação, o que é que lhe dizia? O que é que dizia à sua filha? "Mamã, deram-me 68% de probabilidade de cancro na mama e 60% de desconto numa mastectomia. O que é que tu fazias, mamã? Se o fizer dão-me 90% de probabilidade de não ter mais nada!"

Feche os olhos. Inspire. Expire. (estala os dedos) É para tirar? É para tirar? (silêncio) Mas não se precipite, porque eu tenho de ter a certeza que tem a certeza.

Quer que eu maquilhe o número? Quer que eu apresente o número de um modo mais agradável? São 68%. Você sabe e eu sei. Mas pode ajudar se eu disser que o número é outro. Sempre sabendo, claro, que é 68%... 52! A probabilidade de cancro para si é de 52%. Que me diz a isto? Marcamos?



"Biodegradáveis" de Ana Vitorino e Carlos Costa

SOBRE O ESPETÁCULO



© Susana Neves, TNSJ

"Biodegradáveis" parte de uma reflexão em torno dos limites da Biologia humana e do contacto próximo com investigadores científicos, para chegar, com uma saudável dose de humor à mistura, a uma celebração da contínua renovação da vida.

(Um espetáculo sobre os efeitos da passagem do tempo sobre os corpos, a modo como lidamos com a nossa finitude, e a influência dos avanços tecnológicos e científicos na forma como nos vemos e nos definimos (e redefinimos) enquanto humanos.

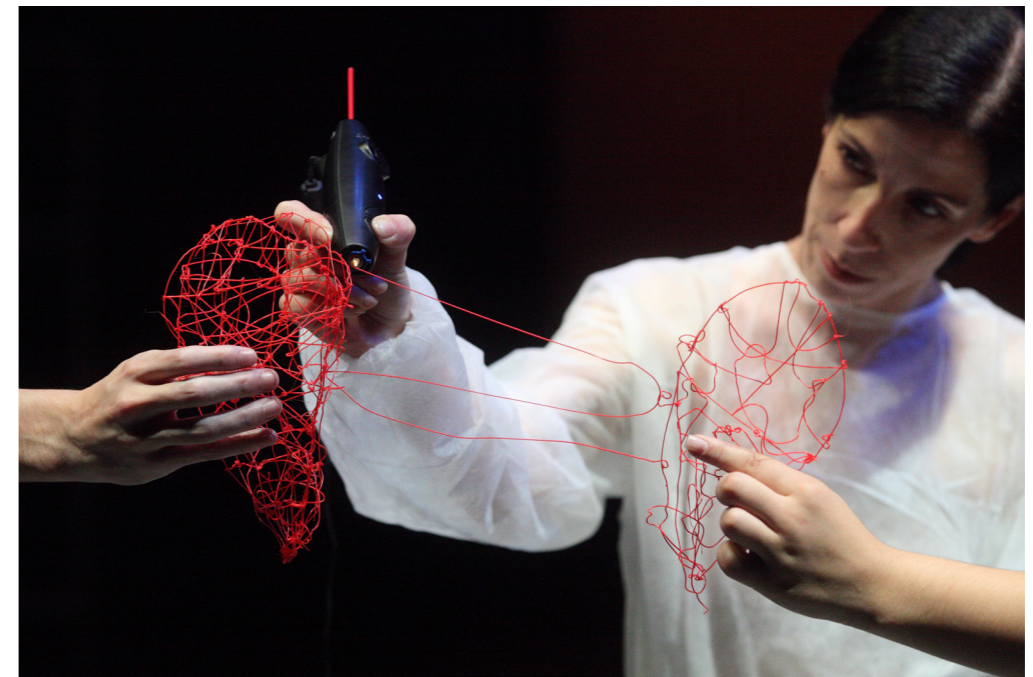


© Susana Neves, TNSJ

FOTOGRAFIA DE CENA: Biodegradáveis (2014)



© Susana Neves, TNSJ



© Susana Neves, TNSJ

FOTOGRAFIA DE CENA: Biodegradáveis (2014)

Noctívaga

ESPETÁCULO: Filme na Rua Zero L (1999)

PERSONAGEM: Noctívaga

FIGURINO ORIGINAL: Judite Oliveira*

Em 1999, pela mão do João Paulo Seara Cardoso, mergulhámos na poesia de Al Berto, guiados pelo seu fragmento “Filme na Rua Zero L”. Desdobrámo-nos nas figuras evocadas pelas suas palavras, seres solitários que esperavam pela noite para rumar pela cidade, eternos predadores da liberdade e do prazer, eternas presas do preconceito e das autoridades.

Foi na icónica loja “Amsterdam Underground”, no Centro Comercial Stop, que encontrámos os casacos-armaduras que vestiam a noite destas figuras. Nas sombras da cidade, uma noctívaga de aparência animal e de microfone em punho dava voz a todas elas, dava voz a Al Berto, dava voz a todos nós.

***Predadora Noctívaga, Quimera** dupla e a única de face oculta. Exibe múltiplos olhos que vigiam todos os ângulos e direções, como um panóptico erguido, vivo e sempre alerta. Com abdómen de aranha e espigão traseiro, enverga um casaco-armadura de leopardo que deixa entrever um corpo de lâminas: garras, unhas e picos que cintilam com a luz, fragmentando-a em mil cores noturnas.*

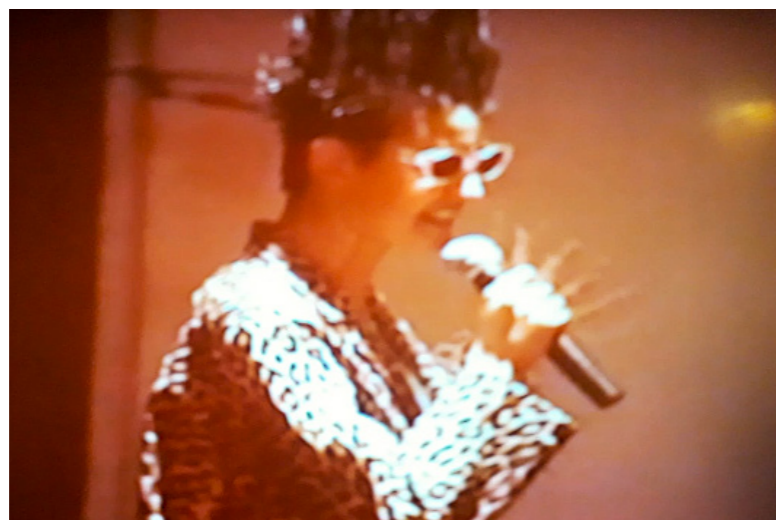
NOCTÍVAGA - FILME NA RUA ZERO L



ruas cobertas de búzios lancinantes sons metálicos aumentam e diminuem constantemente. jardins vegetações despedaçadas pelas explosões. sombras gravadas nos escombros. os habitantes abandonam a cidade. ruínas garrafas viaturas destruídas sussurro de motores vozes afastando-se caminhamos na região intestinal da cidade metropolitano alicerces buracos imensos parkings vazios o medo tolhe-nos os movimentos estampidos de balas atravessamos subterrâneos povoados por animais de argila asfalto esburacado onde palpitam vozes enrouquecidas baba de animais incandescentes lago que nenhum medo atravessa chuva paragens de autocarros cigarros desfeitos lama passos hesitantes além onde o olhar toca noutros corpos que se amam no lodo fugimos mesmo debaixo da nossa própria pele perdidos de bêbados a respirar néons sementes alucinantes mistura de contrabandista e chulo puta das avenidas ladrão de tubos de escape vibrações no asfalto rostos mais ou menos controlados fotografias outra documentação para resistir alastram os fogos postos por toda a cidade alarmes armas disparando gritos estridentes e breves carros patrulha guinchos cães ganindo sombras deslizam separadas dos corpos gemidos avenidas de sangue silhuetas chulos a cinquenta paus o despacha maldita bófia no retrovisor acende-se o semáforo estão de novo a disparar acelera somos agora travestis de nós mesmos



SOBRE O ESPETÁCULO



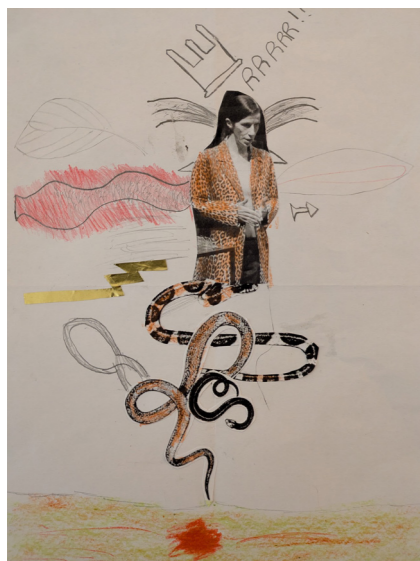
Escolhemos o poeta Al Berto e das suas palavras escritas mostramos não como se lêem mas o que nos fazem sentir e que ambientes despertaram em nós. Criámos uma feira de quartos na noite da cidade do mundo. Simulamo-nos. Simulámos Al Berto.



FIGURINO ORIGINAL

Sessões exploratórias com:

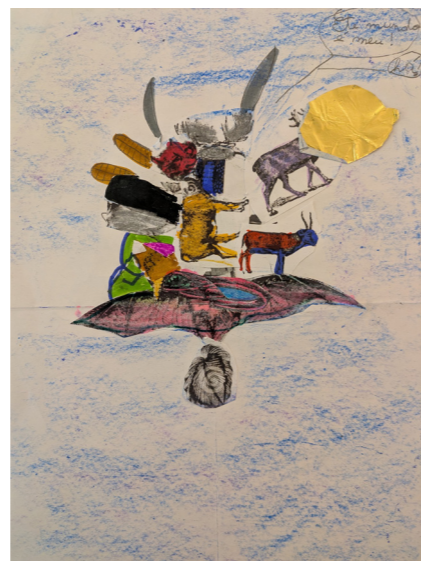
EB1 das Flores



Afonso (4A)



Afonso (4A)



Alexandre (4A)



Diogo (4A)



Eduardo (4A)



Eneo (4A)



Iris (4A)



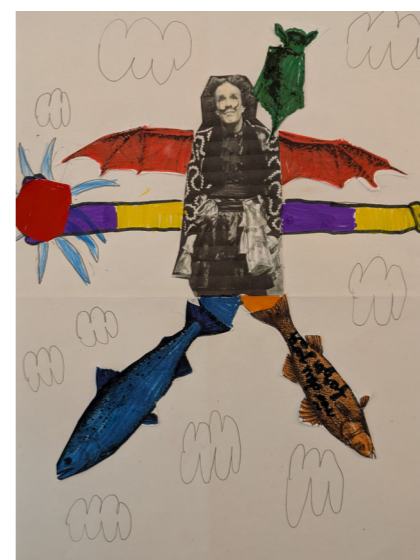
João (4A)



Markirat (4A)



Maria (4A)



Martin (4A)



Martin (4A)



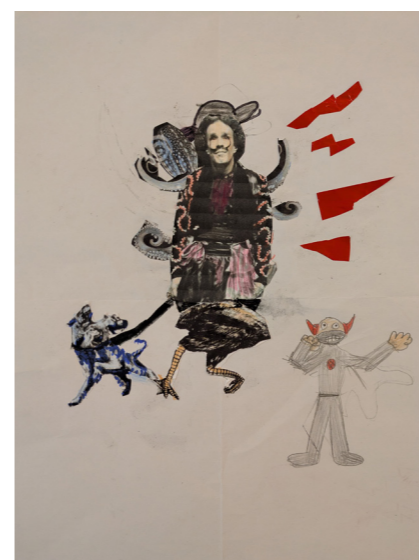
Mateus (4A)



Matilde (4A)



Nathan (4A)



Rafael (4A)



Renato (4A)



Rita (4A)



Tarnise (4A)



Yasmin (4A)



Beatrice (4B)



Bernardo (4B)



Bianca (4B)



Cio (4B)



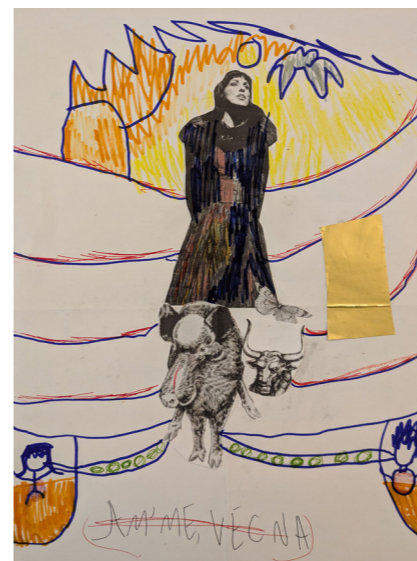
Trés (4B)



Luna (4B)



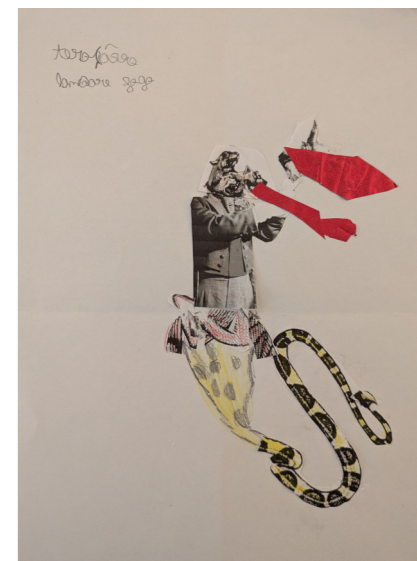
Maria (4B)



Mayara (4B)



Nauom (4B)



Pedro (4B)



Rafael (4B)



Rodrigo (4B)



Susana (4B)



Tiago (4B)



Misses (4B)



Victor (4B)

Sessões exploratórias com:

*Centro Social e Paroquial
N.ª Senhora do Calvário*



Cartas Com Cópia

EVA

É a Eva que estiva no paraíso
e estava a comer a maçã,
Acho que ela é máfica,
Transformou o bichinho.

Ela metia o nariz na boca da criança
para chupar = Ela
mamava nos mamilos
da mãe.
Uns cozin já no "bichinho" — História da São

Palmira Alves Gomes
Conceição Oliveira
Odete Gomes
Manuela Campos

EVA Palmira + Conceição + Odete + Manuela



Cartas Com Cópia

ILUSIONISTA

Escondes lenços, dás lenços
= dás = cortas
Ele encende como a coisa encende o
passadinho (as coisas o/ho)

Ele fazem ilusões
mas nosos olhos
= nós saímos
pel múnho.

Palmira Alves Gomes
Conceição Oliveira
Odete Gomes

ILUSIONISTA Palmira + Conceição + Odete + Manuela



Cartas Com Cópia

Homem Fantasma

Tem um poder misterioso
O poder do demónio
Uma coisa escurida
Dava caso nos
Aí dava, dava.
Com a cabeça = aqueles olhos
Escondia nos ramos
dos
Floreses todas as classes!

NADITE Pereira
Fernanda Almeida
Má José Fernandes

HOMEM FANTASMA Maria José + Fernanda + Nadite



Cartas Com Cópia

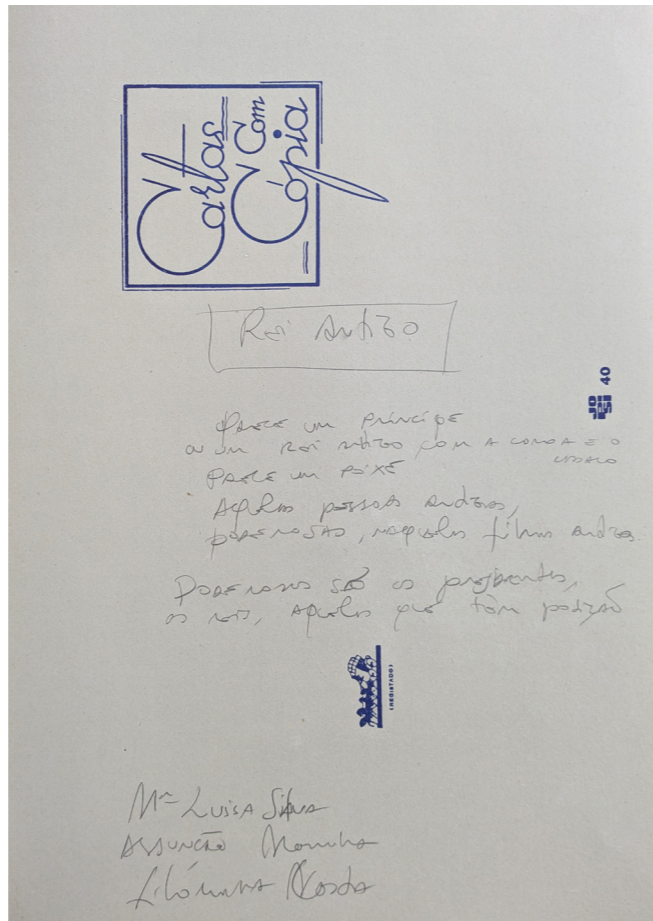
AMÁLIA A PODEROSA

Tem o poder de voar, de controlar,
de controlar
Era capaz de iluminar o coração,
com a luz da vela.

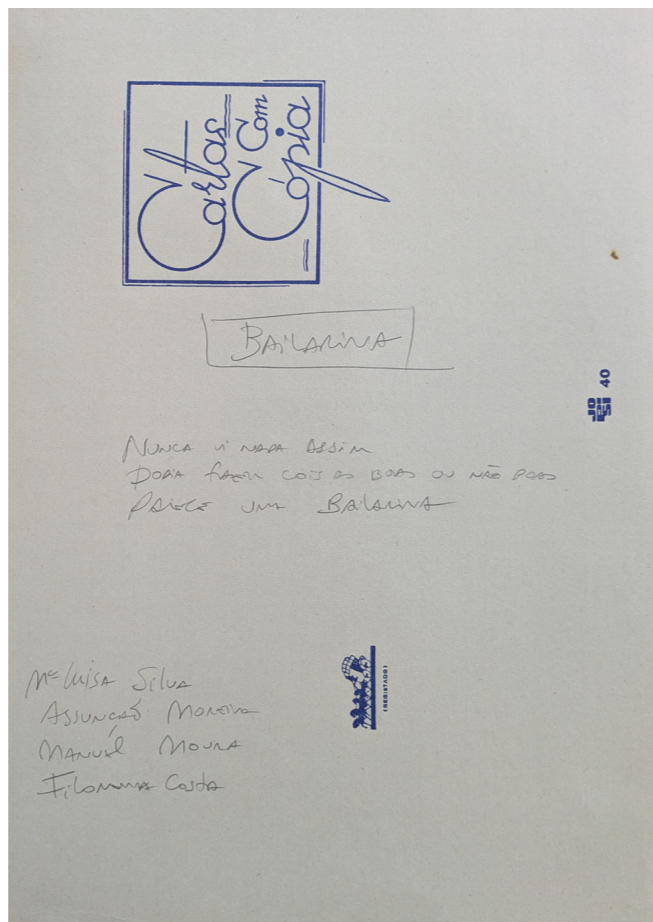
Transforma um
oásis!
Só mesmo uma
dama para fazer um oásis!

Júlia Costa
Marta Luiza
Dorinda Silva

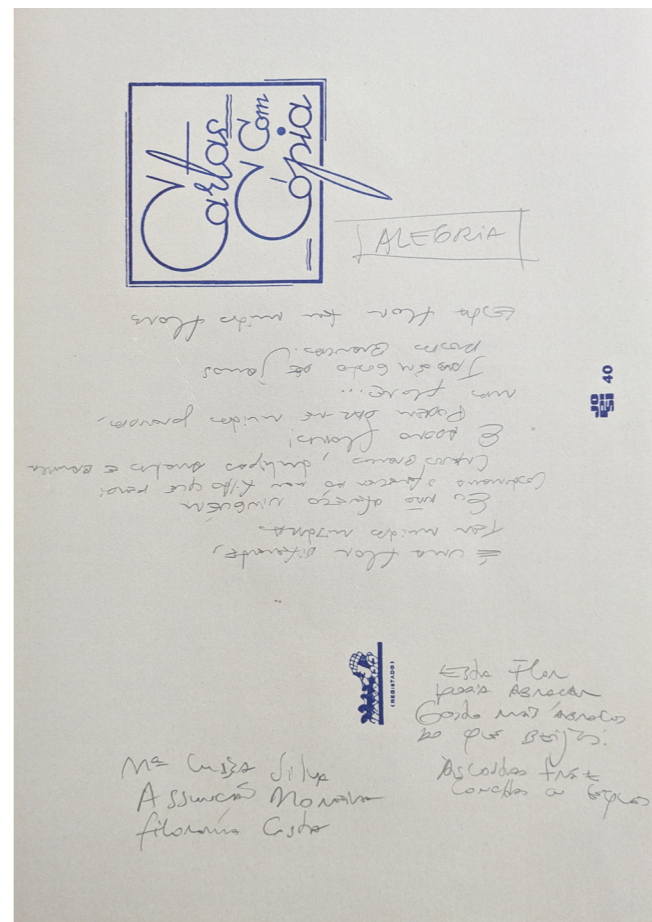
AMÁLIA A PODEROSA Judit + Lucía + Dorinda



REI ANTIGO Maria Luísa + Assunção + Filomena



BAILARINA Maria Luísa + Assunção + Manuel + Filomena



FLOR Maria Luísa + Assunção + Filomena

Sessões exploratórias com:

Casa da Pertença



© Filipa Luz



© Inês de Carvalho

Ativações performativas com:

*Escola Superior Artística
do Porto*



© Inês de Carvalho

Ensaios na ESAP



© Sara Allen

Quimeras no labirinto



© Ana Vitorino

Ensaios no VU



© Sara Allen

Ativação performativa

Ficha Técnica

direção artística e criação Inês de Carvalho

consultoria de arquivo e codramaturgia Ana Vitorino

desenho de som Vasco Zentzua

intérpretes alunos/as do Curso de Teatro da Escola Superior Artística do Porto, sob a supervisão da Professora Luísa Pinto: Alita Maia, Amanda Duda, Beatriz Ruela, Bruno Sousa, Guilherme Palha, José Valente, Lalu Barbas, Letícia Arlandis, Matilde Bryton, Rita Ribeiro e Theo

construção do dispositivo Josué Maia

confeção Nuno Queirós

montagem exposição Miguel Ângelo Marques

design de comunicação Sara Allen

registo vídeo Sara Allen e Alexandra Allen

coordenação de produção Cláudia Alfaiate

produção executiva Margarida Barreiros Feijó

participação nas sessões exploratórias e de criação alunos do 4º ano da Escola Básica das Flores, utentes do Centro Social e Paroquial Nª Sª do Calvário e comunidade da Casa da Pertença

parceria Casa São Roque

apoio programa Criatório da Câmara Municipal do Porto

agradecimentos Sr. Adriano, Ana Lúcia Sousa, Carolina Miranda, Carol, Cláudia Rodrigues, Daniela Fernandes, Filipa Luz, Hugo Martins, Isabel Rute, Jandira Figueira, Jaqueline, João Maria André, Julieta Vaz, Profª Luísa Antunes, Prof.ª Maria, Profª Mónica Aroso, Prof.ª Patrícia, Ricardo Seiça Salgado, Susan Marshall, Susana Neves, Teatro de Marionetas do Porto

Arraial de Quimeras estreou na Casa São Roque no Porto, onde foi apresentado de 19 a 29 de março de 2026, com ativações performativas nos dias 20, 21, 22, 27, 28 e 29 de março.

PRODUÇÃO



ESTRUTURA FINANCIADA POR



PARCERIAS



COM O APOIO



